



Paris: uma experiência estética de um Cortázar citadino

Paris: an aesthetics experience of a townsman Cortázar

Gisele Reinaldo da Silva¹

Resumo: Este estudo aborda a experiência vital e estética parisiense na obra de Julio Cortázar, escritor argentino residente na capital do mundo moderno, ao longo de toda sua mais densa produção literária. Buscamos evidenciar, neste texto, como o literato atua como *flâneur* do cenário citadino parisiense, ao mesmo tempo em que constrói uma literatura cuja raiz nacional é potencializada justamente por esta experiência de mundo mais ampla, a qual o permite encontrar o nacional dentro e fora de si.

Palavras-chave: Paris, Julio Cortázar, *flâneur*, Modernidade, Cidade

Abstract: This article discusses the vital and the aesthetics Parisian experience about Julio Cortázar's literary work. He was a writer who lived in the capital of the modern world while his heaviest literary work was produced. In this text we tried to prove how the author acts as *flâneur* of the Parisian townsman scene and, at the same time, builds a literature whose national root is increased due to this large world experience that let him find the national inside and outside of himself.

Keywords: Paris, Julio Cortázar, *flâneur*, Modernity, City

A idade e a maturidade naturalmente influem, mas não bastam para explicar este processo de reconciliação e recuperação de valores originais; insisto em pensar (e em falar por mim mesmo e apenas por mim mesmo) que, se houvesse ficado na Argentina, a minha maturidade de escritor se teria traduzido de outra maneira, provavelmente mais perfeita e satisfatória para os historiadores da literatura, mas certamente menos incitante, provocativa e em última instância fraternal para aqueles que leem os meus livros por razões vitais e não visando à ficha bibliográfica ou à classificação estética.

Julio Cortázar (2001)

Walter Benjamin (1989, p.11), na obra *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, declara que a poética de Baudelaire constitui uma espécie de “metafísica do provocador”, cujo cenário dá-se nos ambientes conspirativos da cidade de Paris, capital francesa. O literato, na graça do cenário parisiense, situa-se como *flâneur*, dirigindo-se à

¹ Doutoranda bolsista CNPq em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora contratada do Departamento de Neolatinas no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e membro do grupo de pesquisa *Laboratório Interdisciplinar Latino-Americano/CNPq*.

boêmia. O trabalho do escritor é, nesta perspectiva, panorâmico. Cabe a seu ofício traduzir o *olhar à volta*, ou seja, a percepção da vida parisiense, ao universo literário.²

A cidade de Paris configura o cerne especulativo do *flâneur* do século XIX. Na definição de Benjamin (1989, p.34-35), sobre a transformação do espaço urbano, ocorrida na respectiva cidade europeia, a *flânerie* dificilmente se teria desenvolvido, em plenitude, sem as galerias, as quais configuram uma nova descoberta do luxo industrial, materializado nos caminhos cobertos de vidros, revestidos de mármore, através dos blocos de casa. De ambos os lados dessas vias, perfilam-se os mais suntuosos estabelecimentos comerciais, constituintes de um mundo citadino no qual o *flâneur* sente-se em casa, cumprindo o papel de cronista ou filósofo do cenário ao seu redor.

A ubiquidade do *flâneur* é a rua, no entre-lugar das fachadas dos edifícios, entre letreiros, muros, terraços, sacadas e paralelepípedos parisienses. Benjamin (1989, p.35) compara-o ao burguês, tendo em vista que este último sente-se em casa entre quatro paredes tanto quanto o primeiro sente-se em casa entre as fachadas dos prédios, na rua. Para o *flâneur*, os muros são como escrivatinhas onde apoia o bloco de apontamentos; as bancas de jornais são suas bibliotecas; os terraços dos cafés são sacadas por onde observa o ambiente, quer dizer, o cenário citadino é para ele o lugar de intimidade, acolhimento, onde a vida desenvolve-se em suas múltiplas possibilidades entre os paralelepípedos cinzentos.

A experiência do *flâneur* é a de tornar o espaço urbano uma espécie de jurisdição, de templo, de lugar de culto. A cidade de Paris é o quarto do *flâneur*, seu recôndito. Enquanto capital do mundo moderno, o cenário parisiense funciona como o modelo ao qual deveriam reportar-se todas as cidades cujo foco estivesse direcionado à arte, à elegância, ao saber e ao cosmopolitismo. No ensaio “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”, o acadêmico e diplomata brasileiro Sergio Paulo Rouanet (1993, p.48) declara, sobre a figura do *flâneur*, que “cada rua para ele é uma ladeira que desce em direção ao passado - o dele e o da cidade”. Com base, ainda, na reflexão do autor (1993, p.48):

A cidade é tão imanente ao *flâneur* que ele pode vê-la como se a visse de longe - longe espacial, que faz de Paris uma cidade estrangeira, longe temporal, que faz da cidade moderna uma cidade antiga. Alegorista da cidade, detentor de todas as significações

² O presente estudo é fruto de minha pesquisa de Dissertação de Mestrado “A Criação Simbólica de Julio Cortázar: Ruptura e Recriação Ritual”, defendida em fevereiro de 2013, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado, reconhecendo-a sempre em seu verdadeiro rosto - um rosto surrealista -, vindo em todos os momentos seu lado de paisagem, em que ela é natureza, e seu lado de interior, em que ela é quarto [...]

O trabalho do *flâneur* é o de mostrar a cidade, no espaço e no tempo. Rouanet (1993) aponta, no entanto, para o paradoxo de ao mesmo tempo em que o *flâneur* sente-se em casa, na cidade, de igual modo, aliena-se desta. Baudelaire, na concepção do autor, é pioneiro no enfrentamento da modernidade urbana, convertendo o caos citadino na base primária de sua poesia. O poeta francês absorve, em sua obra, a pulsação convulsionada das massas, por sua compreensão da condição enigmática da cidade. Como o próprio Baudelaire questiona: “o que são os perigos da floresta e da pradaria comparados com os choques e conflitos diários do mundo civilizado?”³.

A cidade representa a territorialidade dos conflitos modernos. Em seu livro *Confiança e medo na cidade*, Bauman (2009) explica que a obsessão moderna de demarcação de fronteiras é fruto do desejo, consciente ou inconsciente, de recorte de um lugar confortável para nós mesmos, em meio à selvageria de um mundo global ameaçador. Justifica-se o esforço pela necessidade humana de buscar proteção contra as invencíveis forças externas da globalização e suas modificações no tecido social.

O escritor argentino Julio Cortázar cumpriu o papel de *flâneur* da modernidade ocidental, convulsionada no espaço urbano parisiense, onde viveu ao longo de toda sua mais densa produção literária. Dividiu a crítica literária do século XX, entre a compreensão de suas intenções vitais e retóricas, imbuídas em sua experiência europeia, e o rechaço ácido ao seu aparente nacionalismo frágil.

Para refletir sobre a influência do espaço urbano, sobretudo, parisiense, na vida e obra de Cortázar, faz-se necessário recorrer à sua própria obra, na qual o autor, por diversas ocasiões, buscou posicionar-se quanto à peculiaridade de sua escrita, inserida na reflexão sobre a identidade do ser latino-americano, a partir de um olhar mais universal do tema da Modernidade, propiciado por sua experiência europeia.

Ciente de que o exílio configurou uma realidade expressiva para diversos escritores latino-americanos, Cortázar vivenciou-o bem mais tarde, a partir de 1974, posto que sua

³ In: BENJAMIN (1989) p.37.

decisão de migrar para a Europa, em 1951, deu-se por fins pessoais, eximidos de razões políticas ou ideológicas. No ensaio “América Latina: exílio e literatura”, o escritor (2001) define a existência de tipos distintos de exílio: o físico e o cultural. Se, outrora, Cortázar nunca considerara seu afastamento do território nacional como exílio – ou, ainda, *autoexílio* – acabou por sofrer, com a repercussão intelectual de sua obra, o exílio de dentro, nacional, mesmo habitando fora. Trata-se de um genocídio cultural, na perspectiva do escritor, ocasionado pelo dilaceramento ditatorial, recorrente na América Latina do século XX.

No entanto, Cortázar alude à necessidade de considerar o exílio destituído de uma visão romântica, basicamente humanista, a qual considera, com veemência, sua condição negativa, mas, por outro lado, reproduz uma visão estereotipada e esterilizante do fenômeno, tomando-o como um desvalor, uma revogação, uma mutilação contra a qual se reage ora com uma busca nostálgica da pátria partida, ora com um esforço literário de luta política pela reconquista da mesma. Parte-se quase sempre do negativo, seja pelo viés da deploração ou do clamor de rebeldia, buscando-se, em seguida, o salto para a recuperação do perdido, através da derrota do inimigo e o retorno à pátria livre de déspotas e algozes.

Na concepção cortazariana, há que se compreender o exílio em sua possibilidade de *releitura* da realidade. O fascismo cultural ao qual esteve submetido, impedido de estabelecer reflexão crítica com seus compatriotas, possibilitou-lhe, no entanto, sentir-se em uma batalha transparente pela libertação de sua nação, cujo mecanismo mais eficaz de combate era a palavra escrita. O escritor transforma o desvalor do exílio em uma forma de luta. Para Cortázar (2001), o exílio e a tristeza andam sempre de mão dada, mas há que se buscar, com a outra mão, o humor. Este nos ajuda a neutralizar a nostalgia e o desespero.

A defesa do autor é de que as ditaduras latino-americanas não possuem escritores, mas escribas. Escribas da amargura, do ressentimento, da melancolia e, em contrapartida, para que se alcance a liberdade efetiva, há que se libertar do rótulo comiserativo e lacrimogêneo que tende a surgir com frequência, em circunstâncias como esta. Conforme a visão cortazariana, os verdadeiros exilados, por mais demencial que pareça, são os regimes fascistas de nosso continente, exilados da autêntica realidade nacional, da justiça social, da alegria e da paz. Para Cortázar, os escritores residentes no estrangeiro são mais livres e estão mais em suas terras natais que os fisicamente residentes em sua pátria.

O convite cortazariano é o de considerar a demência, tal como o humor, uma arma de ruptura para com os modelos enrijecidos, rumo à abertura a um caminho positivo, que jamais seria encontrado se cada escritor exilado permanecera passivo ante as normas do jogo, pré-estabelecidas pelo inimigo, ou seja, pelo sistema de tirania. O convite é, sobretudo, à arte da invenção contra a convenção, contra o previsível.

A concepção é a de que todo escritor honesto deve admitir que o desarraigamento conduz a uma revisão de si mesmo, em termos compulsórios e brutais, com efeito idêntico ao que se buscava, em outros tempos, na América Latina, com a famosa “viagem à Europa”, com a ressalva de que agora dá-se como forçado o que se constituíra outrora como uma decisão voluntária e lúdica, em função da visão da Europa como catalisadora de forças e talentos ainda embrionários. Quer dizer, a viagem de um chileno ou argentino a Paris, Roma ou Londres configurava, na visão de Cortázar (2001), uma viagem iniciática, um estímulo insubstituível, o acesso ao Santo Graal da sapiência do Ocidente.

Embora, felizmente, estejamos saindo cada vez mais dessa postura colonizada, justificada pelo processo histórico-cultural sofrido pela América Latina, Cortázar estabelece, ainda, uma pertinente analogia quanto a esta esplêndida experiência de viagem cultural de outrora e a expulsão provocada pelo exílio: ambas viabilizam ao escritor a possibilidade de revisão de si mesmo, propiciada por sua condição arrancada de seu meio estritamente local.

O papel do escritor exilado, nesta perspectiva, é o de aproveitar-se da ausência dos localismos alienantes, embaralhadores da realidade, bem como da falta de padrões de comparações, a fim de questionar-se sobre a identidade do ser latino-americano. Despido do território nacional, pode-se enxergar melhor o genuinamente *nacional*. Há que refletir sobre os malefícios dos modos de vida latino-americanos, além da tendência à sobrevalorização de suas aptidões, como um mecanismo de defesa pautado em um patriotismo dúbio. A literatura exerce-se como indispensável, nesta conjuntura, por proporcionar a arena de confronto do sujeito consigo mesmo. De acordo com a perspectiva cortazariana (2001, p.155):

Já sabemos: os escritores pouco podem fazer contra a máquina do imperialismo e o terror fascista em nossas terras; mas é evidente que no decorrer dos últimos anos a denúncia por via literária dessa máquina e desse terror teve um impacto crescente nos leitores do estrangeiro e, em consequência, obteve mais ajuda moral e prática aos movimentos de resistência e de luta. Se por um lado o

jornalismo honesto informa cada vez mais ao público nesse terreno, coisa facilmente comprovável na França, cabe aos escritores latino-americanos no exílio sensibilizar a informação, injetá-la com a corporeidade insubstituível que nasce da ficção sintetizadora e simbólica, do romance, do poema ou do conto que encarnam o que as mensagens de telex ou as análises dos especialistas jamais poderão encarnar. Por coisas assim, é claro, as ditaduras dos nossos países temem e proíbem e queimam os livros nascidos no exílio de dentro e de fora. Mas também isso, tal como o exílio em si, deve ser valorizado por nós. Aquele livro proibido ou queimado não era tão bom: vamos escrever outro melhor.

Em outra ocasião, na “Carta a Roberto Fernández Retamar (sobre “Situação do intelectual latino-americano”)), Cortázar (2001, p.37) busca expressar as motivações que o levaram a ser um escritor argentino, cujo labor literário engaja-se com a especificidade do ser americano, embora resida, inculpável, na França. Nas palavras do escritor:

Como a falsa modéstia não é o meu forte, fico assombrado que muitas vezes não se perceba até que ponto o eco que meus livros despertaram na América Latina decorre do fato de que eles propõem uma literatura cuja raiz nacional e regional é de algum modo potencializada por uma experiência mais aberta e mais complexa, na qual cada evocação ou recriação do que é originalmente meu chega à sua extrema tensão graças à abertura para e de um mundo que o ultrapassa e em última instância o elege e o aperfeiçoa. O que um Lezama Lima fez entre vocês, isto é, assimilar e cubanizar por uma via exclusivamente livresca e de síntese mágico-poética os elementos mais heterogêneos de uma cultura que abarca de Parmênides a Serge Diaghilev, me ocorre fazê-lo por meio de experiências tangíveis, de contatos diretos com uma realidade que nada tem a ver com a informação ou a erudição mas é seu equivalente vital, o sangue mesmo da Europa.

A experiência europeia constitui, na literatura cortazariana, o modo mais sensato de ser escritor latino-americano, dotado de uma perspectiva mais ampla da realidade, desarraigado do puramente local. Para o autor, a argentinidade de sua obra obteve mais ganhos que perdas, nesta osmose espiritual em que o escritor amplia seus valores originais, a partir da imbricação em uma trama mais ampla de experimentação do universo. O escritor não trai nem renuncia a nada, porém, recupera o que houver de mais profundo e válido em seu nacionalismo tradicional, ao optar pelo alargamento de seu leque de vivências, tanto espaciais quanto transcendentais.

Cortázar considera a França como o lugar adequado para o seu temperamento, seus gostos. Na perspectiva do autor, no momento de saída da Argentina, Cortázar era um escritor que imaginava ser a realidade aquela que deve culminar em um livro, enquanto, em Paris, brotou o escritor para quem os livros culminarão na realidade. Na referida carta ao intelectual cubano Roberto Fernández Retamar, o autor (2001, p.31) estabelece um paralelo pertinente quanto à razão pela qual acredita ser possível refletir sobre a América Latina, desde a Europa, a despeito de toda a censura sofrida pelo afastamento de sua pátria, bem como sua recusa a retornar a esta:

Não me escapa que há escritores com plena responsabilidade de sua missão nacional que ao mesmo tempo lutam por algo que a ultrapassa e a universaliza; mas é bem mais frequente o caso dos intelectuais que, submetidos a esse condicionamento circunstancial, agem, por assim dizer, de fora para dentro, partindo de ideais e princípios universais para depois circunscrevê-los a um país, a um idioma, a uma maneira de ser. É óbvio que não creio nos universalismos diluídos e teóricos, nas “cidadanias do mundo” entendidas como meio para escapar às responsabilidades imediatas e concretas – Vietnã, Cuba, toda a América Latina – em nome de um universalismo mais cômodo por ser menos perigoso; no entanto, minha própria situação pessoal me inclina a participar do que acontece com *todos*, a escutar as vozes que entram por qualquer quadrante da rosa-dos-ventos.

Cortázar expressa, com tamanha lucidez, a simetria entre sua eleição por uma ampliação pessoal de visão de mundo, devido à experimentação dos modos de vida tanto

européus quanto latino-americanos, e sua busca pela construção de uma literatura que escute a voz de todos, abrindo-lhes acesso à rosa-dos-ventos do coletivo, da arte, da vida. Com base, ainda, na elucubração do autor (2001, p.31-32), a respeito do possível destino de sua literatura, em caso de que permanecesse na Argentina, em contrapartida com o ganho intelectual e humano de sua partida para a Europa:

Às vezes me perguntei o que teria sido da minha obra se eu tivesse permanecido na Argentina; sei que continuaria escrevendo porque não sirvo para outra coisa, mas, a julgar pelo que tinha feito até o momento de partir do meu país, me inclino a supor que teria seguido o apinhado caminho do escapismo intelectual, que até então era o meu e continua sendo o de muitíssimos intelectuais argentinos da minha geração e dos meus gostos. Se tivesse que enumerar os motivos que tenho para alegrar-me por haver saído do meu país (e que fique bem claro que falo só por mim, e de maneira alguma a título de comparação), creio que o principal deles seria o fato de ter acompanhado da Europa, com uma visão des-nacionalizada, a revolução cubana. Para afirmar em mim esta convicção, basta conversar de vez em quando com os amigos argentinos que passam por Paris com a mais triste ignorância do que verdadeiramente está acontecendo em Cuba; basta folhear os jornais lidos por vinte milhões de compatriotas; basta, e com folga, sentir-me a salvo da influência que a informação norte-americana exerce em meu país e da qual não escapam, mesmo acreditando nisso sinceramente, uma infinidade de escritores e artistas argentinos da minha geração que todos os dias comungam com as engrenagens subliminares da United Press e das revistas “democráticas” que marcham ao compasso de *Time* ou de *Life*.

A ditadura, o exílio, as revoluções, ou seja, a realidade latino-americana do século XX é, na perspectiva cortazariana, compreendida com menor ingenuidade ou manipulação, ao serem sentidas à luz de uma maturidade crítica incitante, provocativa, adquirida, no caso do autor argentino, a partir do alargamento da visão sobre a história e a cultura, propiciada pela experiência europeia.

Em outra carta, destinada à escritora argentina Graciela Maturo⁴, Cortázar (1964) contesta-lhe acerca de diversos temas, dentre os quais, a inadaptabilidade quanto às formas de vida na Argentina:

Contesto a las diversas cuestiones que le interesan. No iré a la Argentina, y por consiguiente no podré asistir a las Jornadas que organiza la Facultad. Lo lamento en la medida en que ese viaje me hubiera permitido conocer personalmente a usted y a su marido, pero no le oculto que va siendo cada vez más improbable que yo vuelva a mi país. Hay razones de fondo, y la más grave es mi total inadaptación a las formas argentinas de vida. Me siento como un fantasma entre vivos (y a veces al revés, pero supongo que en este caso incurro en pecado de misantropía). Mi Argentina está tan fresca y tan cabal en el recuerdo, que toda confrontación con su presente me lacera incurablemente. Creo que hasta ahora ese recuerdo me ha servido para escribir una obra muy argentina. Tal vez llegue el día en que necesite volver para mirar de nuevo unos álamos de Uspallata que no he olvidado, un carril fragante de Mendoza. Por ahora soy un argentino que anda lejos, que tiene que andar lejos para ver mejor.

Cortázar vê-se alheio à cegueira política a que estão sujeitos os maiores pensadores argentinos de sua época e privilegia-se, enquanto escritor, desta privação sadia. Suscita a reflexão sobre a realidade que o circundava, destemido da cólera política e social que sua denúncia, quanto às patologias de sua era, causaria naqueles que as protagonizavam. Há que se destacar, por fim, a entrevista ao escritor e periodista uruguaio Omar Prego (1991, p.83), na qual Cortázar, ao refletir sobre os personagens da obra *Rayuela*⁵ e sua relação com as cidades de Buenos Aires e Paris, acaba por tecer considerações fundamentais para a finalização de nossa reflexão:

[...] Eu não gostaria que alguém pensasse que a conduta dos meus personagens – Oliveira, no caso – seja uma espécie de tentativa de

⁴ In: MATURO (2004) pp. 194-195.

⁵ Romance de Julio Cortázar, publicado em 1963, é considerado um dos principais romances da América Hispânica do século XX.

lição, de dizer a todos os argentinos que sem conhecer a Europa eles não vão se realizar totalmente. Cada vez acredito menos nisso. Acho inclusive que a miragem da Europa está diminuindo na América Latina. Foi preenchida por algo mais positivo, por uma amizade, por um saber que isto está aqui e que pode haver contatos e relações de intercâmbio. Por sorte, a cada dia os argentinos e os latino-americanos vão perdendo mais e mais essa atitude colonial em matéria de cultura, que consistia em esperar o apoio, o diploma de homem feito, quando se ia para a Europa.

Após a consideração de Cortázar, Omar Prego (1991) afirma que a década de ditaduras, perseguições e assassinatos multitudinários, nos países latino-americanos, permitiu que intelectuais exilados descobrissem, paradoxalmente, a Pátria latino-americana, na Europa, abandonando os pequenos nacionalismos. Cortázar (PREGO, 1991, p.83-84) completa a assertiva, com a seguinte declaração:

Eu acho que isso é profundamente positivo, na medida em que não se transforme em um nacionalismo que negue a Europa de uma forma ruim, dizendo – como se diz na América Latina – que é um continente de civilizações cansadas, que não temos nada a aprender com os europeus, que todo futuro está na América Latina, esse tipo de banalidade que no fundo encobre grandes fraquezas, e que não são banalidades nada positivas. Enfim, continuo achando que o fato de a Europa ter deixado de ser uma miragem ao longo dos últimos trinta anos talvez seja positivo na medida em que esse desaparecimento seja utilizado de maneira positiva, e que não seja simplesmente desprezar o que antes se sonhava conhecer, possuir, dominar.

O cerne da experimentação de Cortázar está nesta abertura à descoberta de sua pátria latino-americana – mais vívida e transparente – no cenário da Europa, o qual não oferece risco, ao escritor, de mergulho num estrangeirismo ingênuo ou distorções no conceito de história e cultura. Ao contrário, ao ampliar-se na experimentação do *outro*,

Cortázar liberta-se de possíveis carências culturais ou nacionalismos alienantes, de modo a que encontre o nacional *dentro e fora* de si.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire**, um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3)

CORTÁZAR, Julio. América Latina: exílio e literatura. In: **Obra crítica**, volume 3. Edição de Saúl Sosnowski. Trad. Paulina Watch e Ari Roitman, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 145-163.

_____. Carta a Graciela de Sola (16 de Julio de 1964). In: MATURO, Graciela. **Julio Cortázar y el hombre nuevo**. 2ª ed. Buenos Aires: Stockcero/ Co-Editorial Fundación Internacional Argentina, 2004, pp. 194-195.

_____. Carta a Roberto Fernández Retamar (sobre “Situação do intelectual latino-americano”). In: **Obra crítica**, volume 3. Edição de Saúl Sosnowski. Trad. Paulina Watch e Ari Roitman, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 27-40.

PREGO, Omar. **O fascínio das palavras**: entrevistas com Julio Cortázar. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

ROUANET, Sergio Paulo. É a cidade que habitam os homens ou são eles que moram nela? In: **Revista USP - Dossiê Walter Benjamin**. São Paulo: EdUsp, n° 15, Setembro- Novembro de 1993, pp. 48-72.